



Entrevista com Adriana Magro: O ensino da arte e os espaços de saúde mental

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317814022018174>

Julia Rocha – Universidade Federal do Espírito Santo
juliarochapinto@gmail.com

Adriana Magro é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista e Licenciada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina. Atua como professora na Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvendo pesquisa em processos de arte e visualidades, pensando em arte e espaços expositivos e arte e saúde. Desde tutora do Programa de Educação Tutorial - PET Licenciaturas/UFES.

1. Professora, gostaria de começar conhecendo sua trajetória profissional, compreendendo sobretudo o percurso acadêmico e de trabalho que foi desenvolvido em torno da questão que mobiliza esta entrevista, a relação entre o ensino da arte e os espaços extra escolares.

AM: Minha formação é intensa e muito diversa, porque mais jovem a gente sempre trabalha muito. Então, em todos os turnos do dia eu trabalhava, manhã, tarde e noite. E uma das interfaces dessa natureza de trabalho foi em uma ONG no Paraná, que trabalhava com sete públicos diferentes. E públicos com especificidades muito particulares, como os Movimentos Sem Terra, ou meninos e meninas em situação de rua, enfim esta natureza de público. E isso acabou me aproximando dessa natureza de público, desses excluídos sociais, marginalizados sociais. Então a minha formação passou pelo trabalho na escola, pela educação formal em grande parte, sempre, mas também pela educação não formal, por esse movimento da sociedade, dos grupos. Esse movimento, eu diria, mais vivo, porque ele não obedece a nenhuma coerção. Ele não obedece à coerção de tempo, de aprendizagem, de local, de promoção de série ou de frequência, enfim, as coerções que o sujeito vive nesse sentido são da própria vida, e não da instituição, não do



processo educativo. Então é muito desafiador. Em alguma instância, eu me pergunto em que medida o trabalho de educação em arte em espaços não escolares não se torna também uma opção política. Na minha leitura seria sim possível uma atitude política não formal dentro da formalidade, dentro da escola regular, por exemplo. É preciso querer subverter, de dentro para fora, os movimentos educativos. E não apenas olhar para eles e obedecer àquelas coerções, àquelas regras. Por fim são regras necessárias, não estou discutindo isso, mas como você vai vivenciar estas regras? Que natureza de experiência você vai estabelecer com seu educando dentro daquelas regras? Em grande parte me parece que o professor, o educador, precisa fazer uma opção política e é nessa hora que as coisas se fundem, que as coisas se movimentam, porque está no sujeito, está na prática educativa do sujeito.

2. Como professora da Universidade Federal do Espírito Santo você atua hoje como professora na disciplina Arte na educação não escolar. Primeiramente, gostaria de compreender quais são as perspectivas de trabalho que são desenvolvidas nesta disciplina e que papel ela assume diante da formação dos estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da UFES.

AM: Essa disciplina é muito desafiadora, porque se pensarmos nos processos de mediação, de educação no tripé que abrigam a disciplina - que são arte e saúde, arte e comunidade e arte e espaços educativos - porque ela lança o aluno, o graduando, para um mundo do qual se exige mais, se espera mais do aluno. Ninguém vai a uma galeria ou a um museu de Arte com a mesma experiência de um museu de História. Em um museu de História nota-se com mais frequência um desejo de aprendizado e uma manifestação de aprendizado. Diferente de um museu de arte, que com suas regras de conduta, seu silêncio, e o seu cuidado com as obras, acaba em algum momento retraindo a natureza de aprendizado, como se não fosse possível aprender ali, como se fosse um espaço só da apreciação. E não é bem assim. Então, se a gente pensa uma das bases que compõe o tripé, que seria arte e espaços expositivos, nós, como formadores de professores, lançamos este graduando para este lugar, para esta natureza de experiência, onde ele tem que pensar como vai lidar com este tipo de público, com esse sujeito que não quer ser seu aluno, ele não está ali para ser o seu aluno. Na maior parte das vezes o



espectador inclusive nem quer aquela figura do mediador ali perto dele. E como você vai lidar com isso? Afinal de contas, qual é o seu papel ali? O graduando não está invisível no espaço, mas qual é a natureza de consciência dele para pensar naquela residência educativa que ele está fazendo ali, com aquelas obras? Sem dúvida nenhuma ela é o maior impactado ali, ele é o maior espectador daquela obra. E em vários momentos eu tenho essa natureza de relato, do aluno que começa o estágio muito empolgado, no entanto muito inseguro, e quando ele termina o estágio ele está seguro, está tranquilo com os processos educativos, ele se sente apto a trabalhar naquele lugar e receber um determinado público.

Outro movimento que é feito na disciplina é o movimento arte e saúde. Especificamente eu trabalho com saúde mental nessa disciplina, e a ideia é discutir um pouco dos conceitos de arte bruta¹, sua origem e como ele se desenvolve ao longo dos anos e criar um espaço de escuta. Arte e saúde é um espaço de escuta, um espaço de produção em arte e não um espaço ligado aos sistemas de significação. Ele é muito mais ligado à escuta e à produção. E quem tem que dar um significado ou não àquele objeto é o próprio usuário daquele serviço de saúde mental, e não o terapeuta ou a equipe do apoio terapêutico. Então em arte e saúde, quando meu aluno vai para os espaços, para os hospitais, ele não sabe exatamente o que vai encontrar. Até bem pouco tempo, a saúde mental no Brasil era um tabu que não se discutia. Como em alguns momentos a gente fala do holocausto brasileiro, em referência ao livro de mesmo título, que conta a história de um determinado sanatório em Barbacena, a gente não tem noção do que vai encontrar ali. Quem são estes sujeitos? Como eles vivem? E a questão não é descobrir quem são eles, como ou o que eles vivem, a questão é estabelecer um lugar para este sujeito no mundo. É construir pela escuta um lugar para ele. Há o estabelecimento de um espaço que é dele. Tanto a autoescuta, quanto a escuta desse aluno, desse sujeito da graduação, que vai vivenciar uma experiência ali. De um modo geral é aí que habitam as experiências mais profícuas do estágio, quando a gente rompe com todas as formalidades. São pessoas de diferentes modos, com diferentes

¹ Conceito cunhado por Jean Dubuffet em 1945 para designar a produção livre dos estilos oficiais.



diagnósticos e diferentes manifestações desses diagnósticos. Quando a gente se envolve com o nosso próprio trabalho é que conseguimos a adesão deles, e não o contrário, não pela estratégia de convencimento, “Vem aqui, vamos fazer uma coisa bem legal”, não. Basta sentar e começar a desenhar alguma coisa, produzir, rabiscar, pintar ou organizar o material que os sujeitos vão se aproximando, vão se aglomerando, construindo o seu lugar, estabelecendo uma relação com aquele aluno. E os graduandos têm a seguinte orientação: seja um sujeito objetivo, construa relações objetivas, fale pouco, mas quando falar, fale objetivamente, deixa que o sujeito da ação se escute mais. É no processo de escuta que ele vai estabelecer as relações dele, com ele mesmo, com o mundo, com a trajetória de vida, com os desejos, angústias, enfim, com tudo isso que todo mundo tem, mas que nem sempre se desenvolve de uma maneira simples. Para algumas pessoas se rompe um limite da angústia e vão para a patologia, para as psicoses. E é aí que a gente entra, no espaço de arte e saúde.

3. Pensando especificamente nesta perspectiva do ensino da arte realizado em espaços de saúde, que potenciais existem para a formação dos professores de artes? Este é um campo de trabalho possível para os estudantes?

AM: Desde a luta antimanicomial, no início dos anos 2000, nós temos o fim dos manicômios, com os processos de internação de longa duração, como esses que conhecemos, como o Engenho de Dentro, aqui no Espírito Santo, o antigo Adalto Botelho, enfim, hospitais psiquiátricos com estas interações de 20, 30, 40, até 50 anos. Ou seja, o sujeito vivia ali dentro. Com o processo da luta antimanicomial, temos um percurso inverso, de tentar estabelecer para o sujeito que está internado um retorno a sua vida de antes, a sua família, sua rotina de antes do hospital. Então temos, aqui no Espírito Santo, muitas residências psiquiátricas e muitos CAPS, Centros de Atendimento Psicossocial. Estas internações de longa duração foram avaliadas e alguns dos usuários frequentam estes CAPS no que podemos chamar de internação-dia, em que ele participa o dia inteiro de ações no Centro e ao fim do dia retorna para casa. Nessa rotina nós temos grupos diferentes a cada dia, porque nem todos frequentam o CAPS em todos os dias da semana. Depende do nível de necessidade de cada um no grupo. Aliado a isso, temos as residências psiquiátricas,



que são estes espaços de saúde mental cujos sujeitos que participaram de um longo processo de internação não têm mais condições de ir para suas casas, ou porque suas famílias não têm condições de receber ou simplesmente porque eles não têm mais famílias, não têm mais vínculo. Enfim, por situações adversas este sujeito ainda vive num internação, mas aí numa residência, com menos pacientes, em torno de 8 ou 10, com um monitoramento de enfermeiros e psicólogos diário. E normalmente o sujeito que está na residência psiquiátrica não tem muita autonomia, mas é mais dependente. Ele dificilmente sairia, pegaria um ônibus para buscar a família em determinado lugar, ainda que próximo do local que ele faz o acompanhamento terapêutico. Então, pensando nesse contexto, cada vez mais cresce a demanda de um profissional da área de Artes nestes espaços de saúde mental, pelo processo de humanização dos tratamentos acaba se impondo a necessidade desse profissional da área de Artes, que vai estabelecer essa escuta e proporcionar uma outra linguagem para este sujeito se comunicar. Frederic Pierce fala que os sentimentos não são impulsos isolados, eles manifestam coisas que não poderiam ser de outro jeito. Então por isso eles precisam ser desenvolvidos, de algum modo. A manifestação da arte não é um impulso isolado no vazio, muitas vezes é o modo como aquele sujeito consegue estabelecer uma comunicação, ele e o mundo. Isso é muito importante. Esses alunos vão para estes estágios e a maior parte deles volta muito apaixonado, porque na saúde mental o retorno é rápido e é muito prazeroso. Os relatos que eu tenho é de que os alunos se sentem “úteis” quando estão nestes espaços de saúde mental, eles sentem que o trabalho deles reverbera, não fica num vazio, num cumprimento de um protocolo, numa prática esvaziada de sentido ou de obrigatoriedade. É exatamente o contrário, é onde toca, onde afeta, onde sente.

4. E de que maneira os processos artísticos e educativos são realizados durante a disciplina? Que perspectiva metodológica e/ou relacional é realizada?

AM: Então, há uma inauguração de um processo metodológico que foge um pouco às perspectivas mais usuais. Quando pensamos em uma abordagem metodológica na saúde mental, por exemplo, e esse ano estou dentro do Hospital de custódia



também, o que traz não só a especificidade da saúde mental, mas também da criminologia desse sujeito, ele está ali porque cometeu um crime, quando a gente pensa essa especificidade a gente entra em *stand by*. Nos perguntamos “Onde eu estou e o que eu vou fazer aqui?”. Eu nunca consigo reproduzir um programa-tipo, porque se por um lado eu penso nas metodologias clássicas, eu não tenho um grupo clássico, eu não tenho nem um público homogêneo. Então a minha expectativa como professora é sempre pensar junto com Lauro de Oliveira Lima, quando ele fala “Voltemos a natureza e estaremos em boa companhia”, em pensar nos processos de síncrese, análise e síntese. Quando a gente pensa nos processos de síncrese, da euforia, do desejo, da alegria, do prazer, eu estabeleço um envolvimento do sujeito, estabeleço uma vontade dele de estar ali. E quem me dá esse retorno da vontade é ele mesmo, é ele que tem que estabelecer essa síncrese, esse movimento de euforia. Eu posso pensar em um tema, um assunto para o meu estágio, mas quem vai me dar esse retorno vivaz é o próprio sujeito que participa da ação. O segundo momento, na minha leitura, é o momento mais fácil, que é o momento de reflexão, de escuta. Na hora que a síncrese, que é a euforia, se assenta é que se estabelece um momento de calma e de trabalho. Aí vem a terceira etapa, que é a síntese, que é quando nos perguntamos “Afinal de contas, o que foi que eu aprendi? Em que isso me ajuda? O que isso aqui me traz, colabora com meu processo?”. Eu nunca tenho um absoluto estabelecido, porque eu dependo da resposta do grupo. Às vezes eu me surpreendo com um grupo de esquizofrênicos, por exemplo, que muito acometidos pela doença e pelo uso da medicação tem baixíssima mobilidade, mas a euforia deles vêm da música de fundo, que está tocando ali. Eu preciso ter a minha escuta sensível para perceber onde que eu posso chegar com esse sujeito. Então se é pela música, por que não fazê-la aparecer no processo educativo? Não é um trabalho muito simples, porque exige esse cuidado, esse olhar, uma atenção. Mas eu poderia dizer, grosseiramente, que compreende estas três etapas: síncrese, análise e síntese. E é incrível como que esse processo metodológico se estabelece também para o aluno. O aluno cria para ele também esse movimento. E quando ele me apresenta o estágio, o resultado final da prática, ele tem uma síntese do aprendizado dele, consegue identificar de fato o que ele aprendeu. Isso para mim é muito gratificante.



5. Dentro dos espaços onde os estudantes desenvolvem suas experiências de estágio existe alguma prática sistematizada de aproximação com a Arte?

AM: Bem, pensando os espaços comunitários sim, sempre tem. Acho que a Livia Marques de Carvalho nos ajuda a pensar nesse momento, porque no livro dela [O ensino de artes em ONGs, 2008], chegamos a pensar, em alguns momentos, que a arte, de alguma maneira, vai ser a salvadora de todos os conflitos sociais, de todos os problemas, das desigualdades, enfim. Na missão das ONGs, de um modo geral, a Arte ocupa um espaço muito grande. Ocupa um espaço determinante. Então isso a gente encontra. Agora nos espaços da saúde mental nós temos diferentes naturezas de manifestação de Arte. Uma delas é chamada “geração de renda”, que é um fazer mais ligado a uma prática fabril de construir algo vendável, que retorne como lucro. Mas não fica só nisso. Nos CAPS que eu atuo aqui em Vitória tem um profissional da área de Artes que é concursado. Em especial em um dos CAPS tem uma profissional que é artista plástica e que trabalha na perspectiva da Arte com os sujeitos que frequentam este espaço. E é claro, o viés mais comum que aparece no trabalho da saúde mental é a perspectiva da arte terapia.

6. Estas práticas educativas realizadas se aproximam do trabalho que os estudantes desenvolvem? Por que?

AM: De modo geral, as propostas dos alunos nestes espaços sempre são diferentes daquelas que já estão estabelecidas. O aluno da graduação, em especial este que vai para a saúde mental, vai para acertar, vai para construir uma prática significativa. Ele não vai para cumprir um protocolo. É mais fácil cumprir protocolo em outro espaço, sem ter que enfrentar um transtorno esquizofrênico ou um transtorno neurodegenerativo. O estágio nesse momento é para criar uma relação realmente significativa, para ele e para os usuários daquele espaço. Quando ele chega lá ele sempre tem um plano. E esse plano, de um modo geral, obedece a essa metodologia citada anteriormente, que envolve começar no desenvolvimento de relações, no estabelecimento dos afetos para depois sentar e construir uma determinada prática. Mas o que queria dizer é que o aluno leva uma coisa pensando



a falta. O que já tem lá? Então o que não tem? Onde eu posso contribuir? No momento que eles iniciam, no momento cartográfico, de estabelecer as relações e primeiros contatos, de perceber o que tem e o que não tem, como se estabelecem ou não as relações, ali eu peço para ter um olhar para a falta, para o que fere. Onde está a ferida ali? O que seria interessante ter e não tem? Então de um modo geral eles levam uma prática pensando nisso. Um grupo muito apático, por exemplo, possivelmente terá alguma sensibilização com movimento, com consciência corporal, com dança. Sempre tem esse momento inicial. Depois o trabalho se configura pela performance, pelo vídeo, até pelas fotografias conceituais hoje a gente já constrói essa prática. Por isso que de certa maneira é sempre uma coisa nova, algo que não tinha ali. E qual é o hiato, onde habita essa diferença? É nessa diferença que a gente atua.

7. Então existem diferentes perspectivas para pensar estes conceitos? No que a arte terapia se difere do ensino da arte realizado em espaços de saúde?

A arte terapia é uma prática comum no Brasil e em diversos países pensando uma proposição de tratamento, uma perspectiva de tratamento deste sujeito com algum transtorno mental ou neurodegenerativo. A arte terapia se estabelece muito por um viés da psicologia analítica, pela psicologia Jungiana. Então as coisas estão muito conectadas a um inconsciente coletivo, a uma manifestação coletiva que nem sempre está assim tão acessível a nós. Notamos em vários espaços que o trabalho que Jung fez certamente é um trabalho riquíssimo, um trabalho que merece o seu cuidado, mas que está sendo comumente negligenciado, sendo transformado em uma receita, digamos assim, em um padrão formal estabelecido, como se todo mundo tivesse que passar por aquele mesmo processo. Então são sempre as mandalas, são sempre as tentativas de ver além do que o desenho ou a pintura do sujeito de fato tem. Como se a Arte fosse para ser desvelada. O trabalho que eu proponho fazer, que é do ensino da arte na saúde, não passa por aí. Passa muito mais, sim, pela psicanálise, pela perspectiva Lacaniana do estabelecimento de escuta como um lugar no mundo, como um sujeito que se escuta e que se instaura no mundo. Então é muito mais um processo dele com ele, e nós estamos ali muito na perspectiva do mediador, problematizador, apenas. O processo não é nosso, é



dele. E como ele vai agir diante desse processo é uma questão a ser trabalhada conjuntamente. Não há ali uma perspectiva ou um desejo de resolver, de deixar um diagnóstico, de estabelecer um plano terapêutico. Há ali apenas a manifestação de um sujeito, que está procurando o seu lugar, está tateando as possibilidades das relações, inclusive dele com ele mesmo, dele com os outros, dele com o mundo, dele com aquele espaço que ele habita praticamente todos os dias e perceber qual é o limite disso. Qual é o limite, então, das relações? É uma tessitura mais tênue, uma tessitura que permite dois universos infinitos, que é o interno, do próprio sujeito, e o externo, que é o da sociedade.

8. Então, pelo que foi possível entender, há diferentes entendimentos da relação entre os sujeitos nestas duas perspectivas. A partir da sua experiência desenvolvendo processos contínuos de formação de professores junto a estes sujeitos, acredita que há também um entendimento diferente em relação à Arte também?

AM: O entendimento de Arte também acaba sendo subvertido, sim. Porque se por um lado temos os processos de arte terapia que se ocupam em desvelar os sentimentos ocultos das produções, o outro não se ocupa disso. O outro se ocupa da recorrência daqueles símbolos que aparecem ali. É pela recorrência dos elementos que a gente vai se preocupar com aquele elemento de fato, que vai se estabelecer um movimento de preocupação. Ou não, é simplesmente o mesmo processo do sujeito. É claro que quando a gente encontra o mesmo sujeito com o mesmo grafismo, a mesma intencionalidade gráfica sendo repetida insistentemente durante dias, semanas e meses isso nos chama atenção, mas isso vai focar o nosso olhar para a forma como este sujeito quer ser ouvido. Mas não se quer com isso negar os processos de experimentação, os processos de tentativa, de linguagem. O que de fato precisamos é de uma leitura, como o Vygotsky falava, uma leitura móvel frequente. Que é o modo como vai maturando aquilo que você está aprendendo. Você vai se enfrentando com aquela produção todos os dias, você tem aquele movimento de ir para ateliê, preparar seu material, pintar sua tela, fazer seu desenho, fazer sua gravura, e você vai aprimorando o seu pensamento, estabelecendo as relações mais profundas do seu próprio pensamento.



9. E pensando propriamente nos estágios, existe alguma prática educativa que é realizada continuamente nestes espaços? Como se dá a relação dos estudantes dentro dos espaços-campo? Por quem os estagiários são acompanhados e supervisionados?

AM: Isso não é difícil porque se na escola nós temos o profissional habilitado para estar lá, nos espaços de saúde mental nós tendemos a ter os parceiros multidisciplinares. Então, todos os espaços de saúde mental hoje afirmam a importância da arte. E mesmo aquele espaço que não têm o artista plástico que pode acompanhar, porque aí o diálogo é mais fácil, mais direto, temos o sujeito sensível à Arte. Então temos, de um modo geral, ou o psicólogo, ou o assistente social. É muito interessante como esse processo educativo abrange também outros sujeitos. Porque eu ouço depoimentos do tipo “Eu fui viajar e visitei Inhotim. Porque eu precisava conhecer o “Desvio para o vermelho” [Cildo Meireles, 1967 - 1984], eu precisava me munir dessa informação para conseguir nutrir a formação com determinado sujeito que acompanho”. O psicólogo tem essa formação muito multidisciplinar. É claro que eu faço a formação com os estudantes e supervisiono, mas não estou todos os dias da atuação no campo de estágio. Quem me traz esse feedback é o psicólogo.

10. Para finalizar, no âmbito da formação de professores, quais as principais contribuições que você considera que esta possibilidade de estágio no âmbito da relação entre arte e saúde perfaz à formação dos licenciandos em Artes Visuais?

AM: Eu costumo dizer que na formação de professores nós não conseguimos ensinar compromisso. Podemos ensinar muitas coisas, metodologias, didáticas, muito na ordem do como ensinar. Mas na ordem do como aprender não conseguimos ensinar. Passa ao largo da nossa experiência. A gente nem se pergunta “Como que eu aprendo?”. E nesses espaços de arte e saúde, se eu não tiver esse sujeito sensível ao modo como ele aprende, ele não consegue desenvolver escuta. Se ele não tem escuta, ele não consegue estabelecer um processo educativo que atinja o público ali envolvido. Então, sintetizando, este aluno



que vai para a saúde mental traz a esfera do compromisso. Ele afirma o modo como ele se sente imbricado, envolvido, comprometido com aquele processo, com aquela educação. Isso é muito gratificante, porque embora a gente não consiga ensinar, aquele espaço e aquela situação dão conta para a gente.